



NAD C720 BEE

Faz bem à vida

Um dos traços da imagem de marca da NAD consiste, do meu ponto de vista, na oferta de produtos acessíveis com consistência, durabilidade e funcionalidade assinaláveis. Esta é uma daquelas marcas em que é possível identificar percursos e características próprias que derivam de mais de três décadas de uma filosofia que provou contribuir para a saúde de muitos portugueses. E refiro-me aos portugueses em concreto porque é do conhecimento geral que o nosso poder de compra é bastante inferior à média dos nossos parceiros europeus, o que dificulta em muito o acesso às propostas culturais, de que a música é um expoente maior. E qual a relação entre a saúde e as propostas da NAD?

Não sei quem é o autor da frase que está pintada numa parede da farmácia a que costumo recorrer e que reza assim: «*A saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não simplesmente a ausência de enfermidades.*» Pois eu não concebo

bem-estar mental sem música, enquanto veículo cultural e de empatia social, tanto na vertente intelectual como na emocional. E como chega a música a mim diariamente? Principalmente pelo sistema de som que tenho em casa. Quando a música deixa de ter a função de companhia ou de factor de ambiente, como acontece no rádio do carro, nas audições do iPod ou do computador do trabalho, é em casa usualmente ou no local de um concerto, de tempos a tempos, que a relação cultural, numa das suas principais vertentes, assume a sua plena expressão.

E onde entra aqui a NAD? Bem, a NAD entrou-me em casa ainda durante a juventude, acompanhada por um brilho nos olhos do meu pai e por um par de colunas de chão da TDL. É esse o momento que hoje considero como o início da minha relação com os sistemas de som, com o áudio a que estas páginas se dedicam. A culpa não é da anterior aparelhagem

da Technics, que ainda hoje funciona de forma satisfatória e que no passado tão boa conta deu de si própria. Mas a Technics tocou essencialmente durante a minha infância, no tempo das brincadeiras e distrações, e foi só na juventude que o *click* aconteceu, fruto desse brilho nos olhos paternos que se acendeu numa das casas de referência no comércio de sistemas de som em Lisboa e que se manteve (ou se apurou) durante a viagem até Santarém, onde então morávamos. Esse facto fez-me olhar para aquelas peças de um outro modo, e a atenção ao que elas faziam e ao modo como o faziam começou nesse momento.

Dito isto, é fácil compreender porque nutro uma simpatia muito especial por esta marca, que ao longo dos tempos tem proporcionado excelentes produtos de entrada (e não só) no complexo mundo da audiofilia. Escrevi atrás que há uma filosofia bem definida e que se tem material-



zado com sucesso. Como os próprios a definem no seu *website* (www.nad-electronics.com), essa estratégia passa por dois pontos essenciais e que cito, em tradução livre: «*Na electrónica de áudio, o essencial é que as ondas sonoras que saem para as colunas de som sejam, em todos os aspectos exequíveis, o mais idênticas possível àquelas que foram originalmente produzidas pelos microfones utilizados para a gravação ou transmissão*» e «*Estamos neste negócio para servir pessoas inteligentes que querem gastar o que é necessário e não o que o mercado suporta*». Esta simplicidade e visão face ao mercado, aos consumidores e ouvintes tem valido à NAD inúmeras distinções em críticas e prémios em produtos de segmento de baixo e médio preço, e uma reputação geral que eu traduziria (agora para inglês) como um dos rótulos que acompanham algumas marcas afortunadas: «*With NAD you can't go wrong*».

No entanto, ter a impressão de que uma marca não nos deixará mal servidos não é exactamente igual a dizer que cada proposta desse fabricante é um achado ou uma garantia de plena satisfação. Cada ouvinte tem os seus gostos e cada produto tem as suas forças e fraquezas, ou seja, os seus compromissos. E uma das pessoas responsáveis por gerir esses compromissos e por manter a marca no grupo da frente do pelotão da corrida tecnológica é Bjorn Erik Edvardsen, director do departamento de desenvolvimento avançado da NAD, cujas iniciais (BEE) constam do nome do receptor C720

BEE que iremos analisar de seguida. Bjorn Erik Edvardsen tem no seu currículo o desenho de produtos como o incontornável amplificador 3020 apresentado no início da década de 80, os premiados C320 BEE e C370 e o recente amplificador integrado da série Master, o topo-de-gama M3, que constitui testemunho de que a NAD está em força em diversos patamares da escala audiófila.

É a tecnologia de um desses produtos, o amplificador integrado C320 BEE, que está na génese do C720 BEE, que incorpora igualmente um receptor AM/FM com RDS e um conjunto de funcionalidades multizona, em concreto para duas zonas.

Do ponto de vista estético, o NAD C720 BEE segue a linha habitual da série C da NAD, não apresentando grande inovação nem arrojado estético, mantendo antes a sua discrição habitual. A primazia parece ser conferida à funcionalidade, já que o manuseamento deste aparelho é das coisas mais intuitivas e fáceis que tenho visto. No entanto, é frequente a facilidade de funcionamento fazer par com um conjunto relativamente reduzido de opções de configuração em termos do papel do amplificador, o que não é o caso.

Para além das funcionalidades mais gerais, como a possibilidade ajustar o balanço entre os dois canais, memorizar a frequência de 40 estações de rádio (30 FM e 10 AM), uma entrada frontal para auscultadores, é igualmente possível realizar o ajuste dos controlos de tonalidade para as fre-

quências mais extremas dos graves e agudos ou fazer um *bypass* a esta funcionalidade. Existem ligações para dois pares de colunas, que podem ser activadas/desactivadas de forma independente por dois botões frontais ou no controlo remoto, que é bastante completo e funcional.

Uma das funcionalidades que apreciei de sobremaneira foi o controlo independente da zona 2, que é operado através de um selector rotativo que permite escolher qual a fonte a funcionar nas saídas que lhe estão adstritas. Tendo em casa um sistema central de som, com colunas instaladas em praticamente todas as divisões, esta funcionalidade permitiu, por exemplo, estar no escritório a trabalhar e a ouvir rádio, enquanto na sala a minha mulher ouvia um CD ou LP. Para esse efeito, o receptor vem equipado também com um segundo telecomando que permite gerir a zona 2 à distância caso a instalação sonora da casa contemple a ligação de infravermelhos necessária. O receptor traz também uma saída para um *subwoofer* e uma entrada de tomada de alimentação de CA que está associada ao estado ligado/desligado do receptor. As ligações são múltiplas – Vídeo, CD, Disc (entrada de nível de linha), Aux – contendo também uma *tape loop*, com a qualidade habitual da NAD que, à semelhança do que acontece os demais aspectos de construção do aparelho, é bastante boa.

Em termos de tecnologia exclusiva, a NAD dota o C720 BEE do circuito de amplificação PowerDrive que, segun-

TESTE NAD C720 BEE

do a marca, «permite duplicar a potência contínua numa base de potência dinâmica de curto prazo», e que é sucedânea da tecnologia PowerEnvelope utilizada pela NAD nos últimos vinte anos do século passado. O Soft Clipping constitui outro dos activos tecnológicos que asseguram uma protecção efectiva mas suave face à tentação de abusar dos níveis razoáveis de audição. No entanto, esta opção pode ser activada ou desactivada à conta e risco do proprietário do sistema de som. Importa ainda referir que os 8,7 quilogramas denunciam a presença do transformador toroidal.

A apresentação de toda a tecnologia incorporada neste produto seria demasiado exaustiva para este artigo, sendo fácil ao leitor interessado obter mais informação, aceder aos manuais e apresentações desses conteúdos no *website* da marca. No entanto, toda esta tecnologia e funcionalidade não tem sentido se não proporcionar prazer na audição das obras musicais que apreciamos.

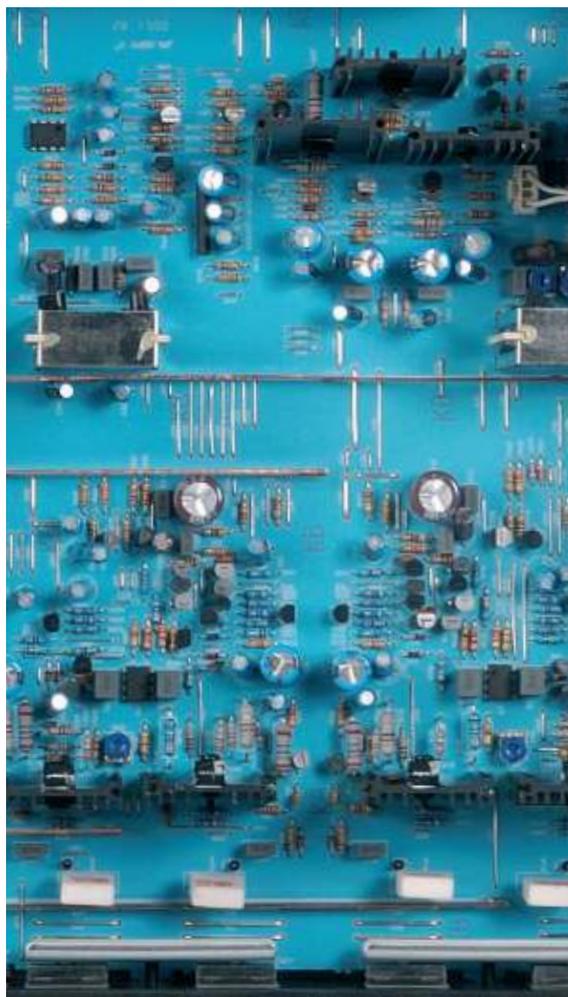


Com tanto *pedigree* objectivo (de prestígio) e subjectivo (de relação pessoal), a audição do NAD foi antecedida de alguma contida expectativa, que rapidamente se transformou em familiaridade e alívio. Alívio porque podia dar-se o caso de ter uma decepção geral face à qual apenas me restaria devolver o produto ao dis-

tribuidor ou dar-vos conta desse facto nestas páginas. Mas não! A sonoridade é quase identificável com esta marca. Não tendo ainda ouvido a série Master, a ideia que retive dos NAD é a de um som com corpo e densidade, fruto de uma gama média relativamente cheia, presente mas sem deixar de ser neutra, e que se articula bem com um registo de graves adequado em termos de controlo e de razoável dinâmica. A gama alta é relativamente limpa e não deixa transparecer qualquer laivo de agressividade contida (ou exposta).

Os 50 Watt por canal têm um bom desempenho e, quando provocados, procuraram manter a compostura de uma forma assinalável. Para o segmento em que se insere, a imagem sonora do palco é igualmente interessante e coerente, pois sem destacar em demasia os intérpretes também não os deixa confundir em excesso. Em pequenos grupos e em concertos mais intimistas temos mais detalhe informativo, dando origem a uma tela mais clara, mas em grandes orquestrações o NAD não deixa que nos percamos na contagem das individualidades, apresentando-nos a música em primeiro plano, dando ênfase ao conjunto. Nestes aspectos dimensionais, a audição de rádio revela-se uma agradável surpresa. Com uma boa colocação das antenas fornecidas para AM e FM e atendendo a que não se trata de um sintonizador dedicado, o NAD dá provas de que a conjugação de recur-





nos num só aparelho não significa obrigatoriamente perda de qualidade.

Se o detalhe é significativo para o segmento em que se insere, também nos aspectos dinâmicos se revela equilibrada a prestação do NAD. É assim um som confortável, convidando a longas audições, o que nos oferece este receptor da NAD, quando ouvido com umas colunas RS1 da Monitor Audio, um leitor Primo CD da Audio Analogue e um gira-discos Thorens 160 equipado com um braço Linn Akito, uma célula Red Rondo da Ortofon (mas acima de tudo equipado com a alma nova que lhe trouxe a mestria de remodelação do Rui Borges). Adicionalmente foram utilizados o Phono Equalizer RQ-9708X da Rotel, o Phono Preamplifier PP2 da NAD e cabos da Kimber Cable, Écosse e Nordost.

Em síntese, não sendo um produto com grande inovação é uma peça que congrega em si inovações tecnológicas bem sucedidas noutros modelos da marca, em especial na amplificação, e que fazia falta incorporar no catálogo dos receptores da NAD.

Trata-se de uma actualização dos avanços tecnológicos na gama C da NAD (substituindo o receptor C740),

DIMENSÕES SONORAS

by imacustica
imacustica.pt

Sonus faber

O projecto *Cremona M*, representa o desejo da Sonus faber de transferir para a coluna Cremona original, todos os novos conhecimentos e tecnologias antretanto adquiridas. Todas estas cuidados tornam esta coluna melhor que a antecessora em cada parâmetro da reprodução musical, mantendo no aspecto tímbrico um notável grau de equilíbrio e aquela quase imperceptível veia de calor que desde sempre caracterizou o timbre da Sonus faber. Um som com uma surpreendente personalidade!

AUDIO ANALOGUE soundpleasure

Leitor de CD
Paganini

Pré-amplificador
Bellini

Amplificador
Donizetti Cento

Este conjunto da Audio Analogue incorpora a ideia que levou a criação da série "Grandes Compositores": uma série que oferece uma excelente qualidade a um preço acessível.

TRANSPARENT

Qualquer bom entendedor sabe da importância de uns bons cabos no sistema: **MusicWave** e **MusicLink**

A IMACUSTICA DESEJA-LHE UM FELIZ NATAL

imacustica
imacustica.pt

LOJA Rua Duque de Saldanha, 424 e 449 4300-462 Porto
Tel. 225377319 Fax. 225180189 imacustica@imacustica.pt

ARMAZÉM Rua Setares Poissada, 644 4000-480 Porto
Tel. 225194100 Fax. 225194109 showrooms@imacustica.pt

TESTE NAD C720 BEE



Preço: 530,00 €

Representante: Esotérico

Tel.: 21 983 95 50

proporcionando aos ouvintes e consumidores a possibilidade de escolher um produto feito para funcionar de uma forma intuitiva, com um conjunto de opções bastante completo e uma compostura sonora que cumprirá sem dificuldade a maioria das expectativas sonoras dos ouvintes neste segmento.

Se tem um pecado, é certamente o de ser um daqueles produtos que apreciamos mais quando já está instalado nas nossas vidas. Depois de me habituar ao seu uso, notei que há mais coisas que me fazem falta ou que exigem mais atenção noutros aparelhos. Afinal, é usual dizer-se que o conhecimento e a boa comunicação exibem-se através da capacidade de apresentar o que é complicado numa formulação simples. Nesta lógica, o C720 BEE é pensado para facilitar a qualidade de vida daqueles que não prescindem de ter um bom som no seu espaço quotidiano e que assim defendem de uma forma abrangente e proactiva o seu *bem-estar físico, mental e social*, ou seja, a sua saúde.

Especificações

Potência de saída contínua a 8 Ω	2 x 50 W (17 dBW)
Potência dinâmica IHF 8/4/2 Ω	2 x 100/150/180 W
Distorção nominal	0,03 %
Factor de amortecimento	>110
Impedância de entrada	20 kΩ + 470 pF
Sensibilidade de entrada	630 mV
Resposta em frequência	+/- 0,2 dB
Dimensões	435 x 147 x 387 mm
Peso	8,7 kg

Discos utilizados nas audições

Tema(s)	Interprete – álbum
Allegro com Brio da Sinfonia n.º 25 de Mozart (KV183)	Orquestra Filarmónica de Viena sob a condução de Leonard Bernstein (Deutsche Grammophon 1990)
Der Hölle Rache Kocht in Meinem Herzen	Orquestra Filarmónica de Viena sob a condução de Herbert von Karajan (Die Zauberflöte – Mozart, EMI 1999)
Lilac Wine	Jeff Buckley (Grace, Columbia 1994) LP
My Favourite Things	John Coltrane (My Favourite Things, Atlantic 1961)
My Funny Valentine	Bill Evans & Jim Hall (Undercurrent, Blue Note 1997)
Part I	Keith Jarrett (The Köln Concert, ECM 1975) LP
Suites para Violoncelo (BWV 1007-1012)	Mischa Maisky (J. S. Bach: 6 Cello-Suites, Deutsche Grammophon 1999)
The Oracle	Dave Holland Quartet (Extensions, ECM 1990)
Too Young To Die	Jamiroquai (Emergency on Planet Earth, Sony Soho Square 1993)
Vários	Eric Clapton (Unplugged, Reprise 1992)
Vários	Patricia Barber (Café Blue, Blue Note 1994)
Vários	Sting (Fields of Gold: the best of Sting 1984-1994, A&M 1998)
Vários	U2 (The best of 1990-2000, Island 2002)



“ O detalhe faz a perfeição...

a perfeição não é um detalhe ”

Leonardo Da Vinci



Alta definição com 1080 p

Painéis C2Fine, 3LCD de última geração

HDMI versão 1.3

Elevadas relações de contraste

Os projectores Epson **EMP-TW1000** e **EMP-TW2000** proporcionam-lhe imagens como nunca viu. Alta definição com 1080p e relações de contraste de 12.000:1 e de 50.000:1 respectivamente, para que tenha a melhor qualidade de imagem num grande ecrã. Luminosidade e cor com a tecnologia C2Fine e o exclusivo Epson Cinema Filter. Descubra o futuro da imagem com os videoprojectores Epson.

707 222 111

www.epson.pt

EPSON[®]
EXCEED YOUR VISION